

Patrimônio das nações originárias se transformou em elemento cultural e ultrapassa cada vez mais fronteiras

Patrícia Lima, especial para o JC
economia@jornaldocomercio.com.br

Não é possível localizar no tempo a origem da erva-mate. Mesmo assim, pesquisadores estimam que, em algum ponto entre cinco e oito mil anos atrás, os indígenas das nações Guarani, que viviam na porção meridional da América do Sul, descobriram que beber a infusão das folhas da erva-mate fazia bem para a saúde, dava disposição e ainda ajudava na digestão. A ca-á, como é chamada no idioma originário, passou a fazer parte do dia a dia dos indígenas e, mais ainda, a integrar a sua ritualística, como elemento sagrado e espiritual.

Planta autóctone da floresta ombrófila mista, um braço da Mata Atlântica que ocorre nas partes altas e frias do Sul do continente, a erva-mate cresce sob a sombra do majestoso pinheiro brasileiro, a araucária. Em seu ambiente natural, é uma árvore de grande porte que chega a ter 30 metros de altura. No século 19, em sua expedição pela América do Sul, o naturalista francês August Saint Hilaire documentou a planta pela primeira vez e a registrou como *Ilex paraguariensis*, seu nome científico. A referência, segundo os seus próprios diários, se justifica por ter visto a árvore pela primeira vez no Paraguai, onde ela, de fato, ocorre espontaneamente. O Museu de História Natural de Paris guarda o registro feito por Saint Hilaire.

De abundantes folhas verde-escuro e minúsculas flores brancas, a erva-mate dá pequenas cachopas de frutinhas vermelhas, que precisam ser processados pelos pássaros e outros animais para que as sementes em seu interior despertem da dormência e germinem no solo. Os indígenas descobriram como manejar as sementes e, antes mesmo da chegada dos europeus, já dominavam e técnica e ajudaram a natureza a disseminar os bosques de erva-mate.

Considerada um presente de Nhanduru, a divindade maior dos Guarani, a erva-mate passou a ser cobiçada também pelos europeus. Os padres jesuítas e os governadores espanhóis primeiro tentaram proibir o seu consumo nas



EDUARDO SCARAVAGLIONE / DIVULGAÇÃO/JC

Chamada de ca-á no idioma original dos indígenas das nações Guarani, a erva-mate é uma planta oriunda de uma floresta que é braço da Mata Atlântica

colônias. Vendo que era impossível sustentar uma proibição dessa, passaram a integrar a erva como produto. Na época das Missões, as reduções jesuíticas espalhadas pelos territórios do que hoje é Brasil, Argentina e Paraguai produziam grandes quantidades de erva-mate, que era exportada para a Europa e abastecia um mercado interno superaquecido.

A assinatura do Tratado de Madrid, em 1750, a mesma que originou a grande Guerra Guaranítica no Rio Grande do Sul, também foi decisiva para a mudança no mercado da erva-mate. Com a divisão dos territórios entre Espanha e Portugal, os jesuítas foram expulsos das Missões – alguns anos depois, o Vaticano extinguiria a ordem, somente restabelecida décadas mais tarde. Isso desorganizou a produção e o comércio da erva, que continuava sendo adorada pelos bebedores de mate, mas que agora não tinha produtores estabelecidos. Entrou em cena a figura do caboclo, aquele sujeito não escravizado mas também sem posses, fruto da miscigenação, que passou a viver recolhendo erva-

mate nas florestas e beneficiando-a ele próprio, para o consumo da família e para vender.

Essa figura foi decisiva na transição da erva-mate para um produto de mercado, nos termos atuais. Com a chegada dos imigrantes europeus, que ocuparam parcelas de terra doadas pelo governo, já

no século XIX, o território de atuação do caboclo foi ficando cada vez mais restrito. Os matos onde ele costumava recolher erva para beneficiar passaram a ser propriedade das famílias dos imigrantes, que rapidamente desmataram os terrenos para o plantio de roças ou passaram eles próprios a recolher

a planta que ocorria em seus lotes. Foi justamente o caboclo que, ao trabalhar para as famílias, transmitiu a sabedoria ancestral sobre o beneficiamento e o replantio da *Ilex paraguariensis*. Era o embrião da indústria ervateira, um dos setores mais importantes da economia do Rio Grande do Sul.

EDUARDO SCARAVAGLIONE / DIVULGAÇÃO/JC



De abundantes folhas verde-escuro e minúsculas flores brancas, a planta dá pequenas cachopas de frutinhas vermelhas